

**O SEGREDO DO CASO SECRETO ENTRE
ARLINDOVALDO ANTÔNIO CERQUEIRA DE BRITO E ALBUQUERQUE
E JUCILMARA ALICE ABRANTES FREITOSA DE FREITAS**

Por Natan Duarte

2005

I

OFF – *Parecia uma tarde como outra qualquer, onde os pássaros cantavam uma linda canção de Bethoven; onde o vento soprava rumo ao sul, suspendendo, na passagem, a saia das meninas que cruzavam seu caminho; onde os pássaros brincavam nas águas puras da lagoa do Abaeté... Sim, tudo parecia perfeito, mas algo assustador estava por acontecer. Próximo ao parque de diversões, daquele bairro, situado no interior daquela linda cidadezinha do salvador, onde seus habitantes são conhecidos como soteropolitanos, existia uma casa a qual diziam ser mal-assombrada. Ninguém ousava entrar dentro do seu interior, pois uma maldição dizia que quem ousasse entrar dentro do interior, nunca mais poderia sair do interior de dentro da casa mal assombrada que tinha uma maldição. Mas, naquela tarde, dois amantes iriam desafiar a maldição da casa mal assombrada...*

Aproximadamente às 16h, 43 minutos e 22 segundo, daquela calorosa tarde de verão, onde os pássaros cantavam uma linda canção de Bethoven; onde o vento soprava rumo ao sul, suspendendo, na passagem, a saia das meninas que cruzavam seu caminho; onde os pássaros brincavam nas águas puras da lagoa do Abaeté, eis que surge uma figura masculina, de aproximadamente um metro e setenta e oito, vírgula três centímetros de altura. Ele tinha o semblante tenso, nervoso, temeroso, parecendo guardar um segredo profundo que ninguém pode saber qual é. Trajava uma roupa simples, a fim de se confundir com a multidão, que naquele sábado, não tivesse ido para a avenida pular o carnaval, ou ido para o palco do rock, situado na orla marítima daquela linda e pacata cidadezinha do salvador...

De repente, do nada e sem motivo algum aparente, eis que surge uma figura feminina de mulher. Seus olhos refletiam toda a angústia que havia oculta na sua alma feminina de mulher. E seus movimentos, friamente calculado, para não ser notada naquele ambiente em que se encontrava a figura masculina que tentava disfarçar seu nervosismo, tentava acobertar o porquê de sua presença naquele parque, próximo àquela casa mal-assombrada que tinha uma maldição...

Arlindoaldo – Um ninho de malfagafos, com cinco malfagafinhos, quem os desmalfaguifar, um bom desmalfaguifador será.

Jucilmara – O rato roeu a roupa do rei de Roma, e a rainha raivosa roeu o rabo do rato.

Arlindoaldo – Jucilmara Alice és tu mesmo?

Jucilmara – Sim, meu querido arlindoaldo Antônio!

Arlindoaldo – Jucilmara Alice, pensei que não viesse mais! Estou a te esperar a mais ou menos uma hora, vinte e nove minutos e quarenta e três segundo.

Jucilmara – Oh, meu amado Arlindoaldo Antônio. Perdoe o meu atraso quase uma hora, vinte e nove minutos e quarenta e quatro segundo. É que o meu marido, o Capitão da Polícia militar da Bahia, precisou de mim para fazer a contabilidade dos créditos financeiros faturados na semana passada. E eu, para que ele não cogitasse a hipótese da possibilidade, de nós dois, eu e você, juntos, possuímos um caso secreto amoroso íntimo, o ajudei.

Arlindoaldo – Oh, Jucilmara Alice, como é lindo o sacrifício que tens que fazer, para que nós dois, eu e você, juntos, possamos ter um caso secreto amoroso íntimo, sem que o seu marido, o Capitão da Polícia militar da Bahia, cogite a hipótese desta possibilidade. Tem certeza de que não foi seguida?

Jucilmara – Sim, meu admirável Arlindoaldo Antônio. A cada três metros e cinquenta e um centímetros, eu parava, observava algo por aproximadamente um minuto e doze segundos, e só então, eu seguia a rota que me traria até este parque, próximo a esta casa mal-assombrada, onde você me esperava para o nosso encontro secreto.

Arlindoaldo – Jucilmara Alice!

Jucilmara – Arlindovaldo Antônio!

Arlindovaldo – Não me interrompa, por favor!

Jucilmara – Desculpe-me.

Arlindovaldo – Ta... Como eu ia dizendo: Jucilmara Alice, por motivo de segurança acho melhor nós falarmos no nosso código secreto. Preste atentamente bastante atenção: epe-upu apa-chopo mepe-lhopor nópos dopo-ipsis nopos enpen-conpon-trarpar-mospos denpen-tropo dopo inpi-tepe-ripi-orpor dapa-quepe-lapa capa-sapa ma-pal apa-ssom-pom-brapa-dapa

Jucilmara – Óhpó mapas nópos nãpão popo-depe-mopos ipor papa-rapa lápá. Epe apa mapal-dipiçãpão dapa capa-sapa mapal-apa-ssompom-brapa-dapa?

Arlindovaldo – Vepe-nhapa, conpon-fipi-epe epem mipim.

No interior da casa...

Arlindovaldo – Pronto, Jucilmara Alice, aqui nós poderemos conversar melhor.

Jucilmara – Oh, meu fantástico Arlindovaldo Antônio, quando será que nós dois, eu e você, juntos, poderemos, em fim, viver abertamente esse nosso caso secreto amoroso íntimo?

Arlindovaldo – Jucilmara Alice, sabes muito bem que enquanto você for casada com o seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, isso será quase que completamente impossível.

Jucilmara – Então o que achas que devo fazer? Por acaso você não está pensando em... Em... Não... Não... Eu não teria coragem para isso. E os meus sete filhos? O Dorival, o Renivaldo, a Miriana, a Faldomira, o Soldernando, a Larisbela e o Sindomauro? Não, eles não suportariam, eles amam demais o pai deles. Seria terrível! O que pensarão de mim? Por acaso achas mesmo que não saberiam que isso tudo foi um plano de nós dois, eu e você, juntos? Não! Isso não me passa pela cabeça. Por favor, não me peça para que eu... Para que eu...

Arlindovaldo – É necessário. Terá que mata-lo!

- Jucilmara – Ah, é só isso?! Que susto! Por um instante pensei que fosse me pedir para que eu me separasse do meu marido. Se o fizesse, só teria direito à metade dos bens que possuímos juntos, eu e ele.
- Arlindoaldo – Não minha amada! Em momento algum isso me passou pela cabeça. Eu jamais iria por em risco os seus bens materiais, que assim que se casar comigo serão meus também. Eu estou falando apenas da vida do seu marido.
- Jucilmara – Se é assim, sim. O que devo fazer?
- Arlindoaldo – pois bem. Preste atentamente bastante atenção no que vou lhe falar. Você sabe que esta casa mal-assombrada tem uma maldição, não sabe?
- Jucilmara – Sim, que diz que quem entrar dentro do interior desta casa mal-assombrada, nunca mais consegue sair do interior de dentro da casa mal-assombrada.
- Arlindoaldo – Mas fique você sabendo que a maldição da casa mal-assombrada é só uma lenda. Uma ficção de mentira para assustar os medrosos que sejam covardes. Para que eles não entrem aqui, dentro do interior da casa mal-assombrada.
- Jucilmara – Espero que você tenha razão meu destemido Arlindoaldo Antônio, pois estamos nós dois, eu e você, juntos, aqui dentro do interior desta casa mal-assombrada que tem uma maldição.
- Arlindoaldo – Não se preocupe. Tenho certeza que é mentira inventada, pois eu já estive aqui dentro outras vezes, com a viúva Cremilda, a viúva Anastácia, a viúva Florisbela, a viúva Lurdinéia e com a viúva Marianete.
- Jucilmara – Se é assim, confio plenamente em você, meu queridíssimo Arlindoaldo Antônio, pois sei que o sentimento de amor que sentes por mim é sinceramente sincero.
- Arlindoaldo – O plano é o seguinte: trazemos para cá o seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, e preparamos para ele uma armadilha que seja mortal o suficiente para matá-lo.
- Jucilmara – Mas você já tem alguma idéia de como será essa armadilha?
- Arlindoaldo – Sim! Você vai até a sua casa, onde você mora com o seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, e diz a ele que o seu gatinho bonito e peludo, a quem você quer muito bem, sem o qual você certamente entrará numa imensa

depressão profunda, sumiu, escafedeu-se, e foi visto pela ultima vez nas Redondezas desta casa mal-assombrada que tem uma maldição, e que você precisa encontrá-lo com urgência urgentíssima.

Jucilmara – Mas Arlindoaldo Antônio, eu não possuo um gatinho bonito e peludo, a quem eu queira muito bem, e sem o qual eu certamente entraria numa imensa depressão profunda, e que, por isso, seja preciso encontrá-lo com urgência urgentíssima.

Arlindoaldo – Não se preocupe. Eu já pensei em tudo. Veja! (retira do sobretudo um gatinho)

Jucilmara – Oh, Arlindoaldo Antônio, você é um gênio. Pensou em tudo.

Arlindoaldo – Só falta agora encontrarmos o melhor dia para fazermos isso.

Jucilmara – Que tal amanhã?

Arlindoaldo – Porque amanhã?

Jucilmara – É que vai ter um jogo muito bacana na TV.

Arlindoaldo – E daí?

Jucilmara – Daí que os policiais vão aproveitar para fazer greve, pedindo aumento de salário, só para assistir a esse jogo. Você sabe a miséria que ganha um policial? Se o meu marido não tivesse seus negócios ilícitos por fora, não sei o que seria da gente.

Arlindoaldo – Fantástico, então! Você vai para casa agora, Jucilmara Alice, e chegando lá, você diz a seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, que encontrou esse pobre gatinho lindo e peludo, num beco escuro da cidade, quando voltava de uma peça que você foi assistir no TCA, com a cunhada do irmão do tio do primo do genro de sua mãe, e que agora você quer muito bem a ele, e que sem ele, você, certamente entrará numa imensa depressão profunda.

Jucilmara – Continue! Continue!

Arlindoaldo – Então, amanhã, aproximadamente às 17h, 33 minutos e 41 segundos, eu venho para cá e me escondo atrás daquele sofá. Às 17h, 33 minutos e 52 segundos você dá ao seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, a notícia de que seu pobre gatinho lindo e peludo, ao qual você quer muito bem, sem o qual você certamente entrará numa imensa depressão profunda, sumiu,

escafedeu-se, e que foi visto pela ultima vez pelas redondezas desta casa mal-assombrada, e que vocês precisam encontrá-lo com urgência urgentíssima, antes que algo de muito ruim aconteça com esta pobre criatura de Deus. Assim, vocês saem de casa por volta das 17h, 34 minutos e 17 segundos, chegando aqui entre 17h, 38 minutos e 27 segundos e 17h, 38 minutos e 29 segundos. Ao entrarem, vocês caminham três passos para a esquerda, dois passos para a direita e cinco passos na diagonal convexa do quadrante linear da mediatriz sistêmica do vetor nulo desta sala. Aí, você diz ao seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, que você deixou cair a sua lente de contato do olho esquerdo e que, sem ela, você não consegue enxergar um palmo diante do seu nariz. Peça para que ele se abaixe para procurá-la, fazendo com que se incline num ângulo aproximado de 43 graus e meio, para que eu o acerte na altura da frente, com um castiçal de ouro que possuo. A pancada provavelmente provocará um coagulo cerebral, seguido de uma hemorragia interna, provocada pelo traumatismo craniano, o que o fará morrer em aproximadamente 2 minutos e 9 segundos após o impacto. Nós deixamos o corpo aqui, pois aqui dentro ninguém entra por causa da maldição da casa mal-assombrada.

Jucilmara – Oh, Arlindoaldo Antônio, o seu plano é brilhante! Certamente dará certo. E, enfim, nós dois, eu e você juntos, poderemos viver abertamente esse nosso caso amoroso secreto intimo, felizes para sempre, até o fim das nossas vidas, quando morreremos afinal.

Arlindoaldo – Certamente, minha bela, Jucilmara Alice. Agora vá para casa. Amanhã tudo será diferente.

No dia seguinte... No interior da casa mal assombrada...

Chega Arlindoaldo Antônio que se esconde. Em seguida chegam Jucilmara Alice e capitão da polícia militar da Bahia.

Jucilmara – Por Deus meu marido, me ajude!

- Capitão – O que houve, Jucilmara Alice?
- Jucilmara – Eu deixei cair a minha lente de contato do olho esquerdo, e agora eu estou completamente cega, sem conseguir enxergar um palmo diante do meu nariz.. Vamos! Abaixese para procurá-la, inclinando sua cabeça e olhando para o chão.
- Capitão – Mas Jucilmara Alice, você não usa lente de contato!
- Jucilmara – Não?!!
- Capitão – Não, Jucilmara Alice. Mas o que está havendo aqui? Porque você deseja que eu me abaixe, fazendo com que eu perca o meu campo de visão, me tornando uma presa fácil para um possível golpe certo na altura da frente de um castiçal de prata...
- Jucilmara – De ouro.
- Capitão – Sim, de ouro. Um golpe que me provocaria um coágulo cerebral, seguido de uma hemorragia interna, provocada pelo traumatismo craniano, me fazendo morrer em aproximadamente 2 minutos e 9 segundos após o impacto?
- Jucilmara – Não é nada disso que você está pensando meu marido. Em hipótese alguma eu atentaria contra a sua vida. Não passou pela minha cabeça a cogitação da hipótese da possibilidade de você morrer vítima de uma plano mirabolante, armado maliciosamente para que eu fique com tudo o que é nosso, e viva abertamente com um amante, o qual eu não possuo, asseguro-te.
- Capitão – Como você é sônica, Jucilmara Alice. Sei a tempos que você tem um caso amoroso secreto íntimo com o Arlindoaldo Antônio.

Arlindoaldo Antônio surge.

- Jucilmara – Como podes pensar isto de mim?
- Arlindoaldo – Vai negar, Jucilmara Alice?
- Jucilmara – Arlindoaldo Antônio, ele, o meu marido, descobriu tudo sobre nós. O que faremos agora? Ele certamente nos matará. Oh, Arlindoaldo Antônio, Quem

poderá nos ajudar? Vamos, reaja! Atinja-o agora. Mate-o antes que ele tenha tempo de sacar a sua arma modelo 38 e atire contra nós.

Arlindoaldo – Em hipótese alguma eu faria isso, minha cara Jucilmara Alice. Há muito tempo que eu e o seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, temos um caso secreto amoroso íntimo, e armamos tudo isso para nos livrarmos de você!

Jucilmara – Quer dizer que vocês são gays?!! Como puderam fazer isso comigo? Isso é inacreditável!

Arlindoaldo – Bate, rebate, finge que bate. Congela!

Capitão – Bate, rebate, finge que bate. Congela!

Arlindoaldo – Tudo começou assim, casualmente por acaso. Depois nos apaixonamos perdidamente um pelo outro, e armamos este plano maquiavélico mortal o suficiente para matar você, e poderemos viver abertamente esse nosso caso amoroso secreto íntimo, até o fim das nossas vidas, quando morreremos afinal. E agora, prepare-se, pois eu vou matá-la.

Jucilmara – E porque você e não o meu marido, que é o capitão da polícia militar da Bahia?

Arlindoaldo – Por que ele jamais teria coragem de matar ninguém.

Jucilmara – E você teria?

Arlindoaldo – Claro que sim. Eu já fiz isso outras vezes, aqui dentro do interior desta casa mal-assombrada. Matei com este mesmo castiçal de ouro o marido da viúva Cremilda, o marido da viúva Anastácia, o marido da viúva Florisbela, o marido da viúva Lurdinéia e o marido da viúva Marianete. E agora eu matarei você, a mulher do futuro viúvo capitão da polícia militar da Bahia.

Capitão – Parado aí, Arlindoaldo Antônio! (APONTA A ARMA)

Arlindoaldo – O que está havendo aqui?

Jucilmara – Será que você não consegue perceber?

Arlindoaldo – Espere, se estou entendendo bem, durante todo esse tempo vocês estavam juntos, e elaboraram este mirabolante plano, para que eu confessasse os crimes que eu cometi. Agora eu consigo enxergar com clareza. Vocês dois, juntos, me enganaram, me fizeram acreditar que me amavam, mas nem você e nem você me amaram de verdade e nem quiseram viver comigo felizes para

sempre ate o fim de nossas vidas, quando ao final, morreríamos. Não! Era tudo parte de uma armação sinistra para conseguir o meu testemunho, de que sou culpado pelos crimes que cometi aqui dentro do interior desta casa mal-assombrada, que tem uma maldição, que eu mesmo, sozinho, inventei, para que ninguém viesse aqui e descobrisse os corpos dos maridos das minhas ex-amantes. Viúvas que enriqueceram, e cuja fortuna roubei, enviando os recursos financeiros para um paraíso fiscal. Vocês não prestam! Seus pérfidos! Certamente vocês esconderam um gravador... Não, pior, uma filmadora, para ter a prova concreta do testemunho que acabo de dar.

Jucilmara – Engano eu, Arlindoaldo Antônio. Ao invés disto, trouxemos para cá inúmeras testemunhas.

Arlindoaldo – E onde estão elas?

Capitão – Acorda, cara. Olha para sua frente! Este teatro esta repleto de espectadores que acabaram de ouvir toda a sua confissão. Com tanta testemunha você certamente será preso por aproximadamente 106 anos, 4 meses, 22 dias, 13 horas, 45 minutos e 31 segundos. Lá você será espancado, torturado, estuprado, pegará AIDS, e o pior... O pior... Terá que pagar uma verdadeira fortuna por um pequenino cigarro de maconha.

Arlindoaldo – E não há nada que eu possa fazer para evitar a prisão?

Capitão – você está tentando me subornar?

Arlindoaldo – Digamos que possamos entrar num acordo rentável de 500 reais.

Jucilmara – Me respeite, eu sou o capitão da polícia militar da Bahia!

Arlindoaldo – Tudo bem, eu dobro a oferta.

Jucilmara – agora estamos começando a nos entender. Passe a grana.

Fantasma – RISOS...

OFF – *Oh! De quem será esta risada assustadora? Será que provém das cordas vocais do fantasma da maldição da casa mal-assombrada? Ou será que é apenas o vento soprando? Será que Arlindoaldo Antonio, Jucilmara Alice e o capitão da polícia militar da Bahia estão correndo*

perigo? Ou isto faz parte apenas de uma trilha sonora utilizada pela equipe técnica do teatro para confundir os espectadores e gerar um suspense nos instantes finais de um capítulo da história que está sendo representada no palco? Não percam, após o intervalo comercial, a segunda parte da peça “O segredo do caso secreto entre Arlindoaldo Antônio Cerqueira de Brito e Albuquerque e Jucilmara Alice Abrantes Freitas de Freitas”.

II

OFF – No capítulo anterior de nossa teatro-novela, nossos ilustres, corajosos e destemidos personagens se encontravam presos dentro do interior da casa mal-assombrada, que tem uma maldição. Casa qual se situava próximo à orla marítima da linda e pacata cidadezinha do Salvador. Arlindoaldo Antônio, uma figura masculina de aproximadamente um metro e setenta e oito vírgula três centímetros de altura, havia se encontrado com Jucilmara Alice, com a qual tinha um caso secreto amoroso íntimo. Juntos, eles elaboraram um mirabolante plano maquiavélico, mortal o suficiente para matar o capitão da polícia militar da Bahia, que é marido de Jucilmara Alice, para que eles pudessem viver abertamente o caso amoroso secreto íntimo, que tinham, os dois, juntos, até o fim de suas vidas, quando morrerão afinal. Mas, no momento em que o plano seria concretizado, Arlindoaldo Antônio não matou o capitão da polícia militar da Bahia, e uma fantástica, surpreendente e fascinante revelação foi revelada: Arlindoaldo Antônio e o capitão da polícia militar da Bahia eram amantes, e elaboraram um mirabolante plano maquiavélico mortal o suficiente para matar Jucilmara Alice, para, por fim, poderem viver abertamente o caso amoroso secreto íntimo, que tinham, os dois, juntos, até o fim de suas vidas, um caso que começou casualmente por acaso, e foi crescendo, crescendo e os absorvendo. Jucilmara Alice não tinha saída para aquela armadilha armada por seus dois amantes, e como, em toda traginovela, Arlindoaldo Antônio, o vilão, antes de concretizar o ato mortal que acarretaria no homicídio de Jucilmara Alice, não contendo a língua, revelou-lhe todo o seu plano, confessando coisas que nem estavam no script. Contou que havia sido ele o inventor da maldição da casa mal assombrada, para que ninguém entrasse dentro do seu interior, pois lá, ele havia escondido os corpos dos maridos de suas ex-amantes, a viúva Cremilda, a viúva Anastácia, a viúva Florisbela, a viúva Lurdinéia e a viúva Marianete, pessoas humanas que ele matou com um golpe certo, na altura da fronte, com um castiçal de ouro que possui. Foi quando uma fantástica, surpreendente e fascinante segunda revelação foi revelada. Na verdade verdadeira, o capitão da polícia militar da Bahia e Jucilmara Alice haviam elaborado um mirabolante e maquiavélico plano para que Arlindoaldo Antônio confessasse com seu próprio testemunho estes crimes que cometeu. Arlindoaldo Antônio, se percebendo naquela angustiante situação, usou da

única arma que ainda lhe restava, num último suspiro de desespero para tentar evitar ir para a prisão, a lá ser espancado, torturado, estuprado, pegar AIDS, e o pior... O pior... Ter que pagar uma verdadeira fortuna por um pequenino cigarro de maconha. Reunindo suas forças, deu um último suspiro, e num ímpeto de coragem começou... O suborno.

Mas algo estranho e aterrorizante aconteceu. Quando tudo parecia perfeito, algo que parecia ser uma rajada de vento vindo do sul, apagou as velas daquela casa mal-assombrada, e uma risada que mais parece risada de fantasma, foi escutada.

E agora, o que será que vai acontecer no segundo capítulo de “O segredo do caso secreto entre Arlindoaldo Antônio Cerqueira de Brito e Albuquerque e Jucilmara Alice Abrantes Freitas de Freitas”?

Fantasma – (RISOS)

Arlindoaldo Antônio e o Capitão da Polícia Militar da Bahia se abraçam de medo.

Jucilmara – (GRITO) Quem... Quem... Quem está aí?

Fantasma – (RISOS)

Arlindoaldo Antônio e o Capitão da Polícia Militar da Bahia se abraçam de medo.

Jucilmara – (GRITO) Apa... apa... re..ça

Fantasma – (RISOS)

ARLINDOVALDO ANTÔNIO E O CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA SE ABRAÇAM DE MEDO.

Jucilmara – (GRITO) O... O... O... que... que...vo.... você quer?

Fantasma – (RISOS)

Arlindoaldo Antônio e Jucilmara Alice se abraçam de medo.

Capitão – (GRITO)

TODOS SE RECOMPÕEM

Jucilmara – Eu acho que algo muito estranho está acontecendo aqui.

Capitão – Já eu acho que algo mais do que estranho está acontecendo aqui

Arlindoaldo – Pois eu acho que algo mais do que muito estranho está acontecendo aqui.

Capitão – Muito bem, parem de palhaçada! Vamos Arlindoaldo Antônio, me passe logo o combinado que eu quero sair logo de dentro do interior desta casa mal assombrada, pois eu acho que é o fantasma da maldição que está dando todas essas risadas aterrorizantes, e fazendo a gente ficar com um medo assustador.

Jucilmara – Oh, meu Deus do céu celestial! Será que é mesmo o fantasma da maldição da casa mal assombrada que está dando todas essas risadas aterrorizantes? Vamos meu marido, Capitão da Polícia Militar da Bahia, vamos para fora do interior desta casa mal assombrada!

Capitão – Depois que Arlindoaldo Antônio me pagar o que me deve.

Arlindoaldo – Bem que eu gostaria, mas acontece que eu estou sem dinheiro no momento. Só estou com o cartão de débito do banco.

Capitão – É débito automático?

Arlindoaldo – Sim, é o cartão de débito Atocha, Visa Electron, o cartão que se pode usar em mais de mil estabelecimentos da cidade, sendo aceito em todo o país, facilitando o pagamento de contas, compras, etc. prático e seguro, evita a necessidade de se usar o papel moeda. Assim, se corre menos perigo de assalto. E você sabe, hoje em dia, com tantas pessoas mal intencionadas, não se pode confiar em ninguém.

Capitão – Sim, não se pode confiar em mais ninguém... mas com este cartão, que é protegido por uma senha secreta de seis dígitos numéricos, e mais duas letras alfabéticas, só o seu dono pode movimentar seus recursos financeiros

Jucilmara – Além do que, o cliente Atocha conta com caixas 24h e agências bancárias distribuídos em todo o território nacional. Em qualquer lugar, quando precisar, o Atocha está lá!

Capitão – Ótimo que você seja um cliente Atocha, Arlindoaldo Antônio, pois assim fica fácil de você me pagar o combinado. Em todo canto do país há um

caixa Atocha, não é possível que aqui, dentro do interior desta casa mal assombrada não haja um. (*PROCURA*). Ahá, achei!

Arlindoaldo – Só o Atocha mesmo para ter um caixa eletrônico dentro do interior de uma casa mal-assombrada que tem uma maldição. (*SACA O DINHEIRO*)

Jucilmara – Para vocês verem, o Atocha nunca nos deixa na mão.

Arlindoaldo – Prontinho! Aqui está a propina combinada para pagar o suborno.

Capitão – (*ENTREGA O DINHEIRO A JUCILMARA ALICE*) – por favor, Jucilmara Alice, confira!

Jucilmara – Está tudo certinho meu amado Capitão da Polícia Militar da Bahia. Agora já podemos sair do interior desta casa mal-assombrada.

Capitão – Até mais ver, Arlindoaldo Antônio. Foi um prazer fazer negócio com você. Vamos, Jucilmara Alice, a saída é por ali... ou será por ali? Não, não, é por ali!... ou por ali???

Jucilmara – Mas meu marido, onde está a porta de saída?!

Arlindoaldo – Ela desapareceu!

Capitão – Não pode ser! Tem que estar aqui em algum lugar.

Arlindoaldo – Acho que o fantasma da maldição da casa mal-assombrada nos aprisionou. O que faremos agora?

Capitão – Calma, deve haver outra porta escondida em algum outro lugar desta casa.

Jucilmara – Oh, meu amado e corajoso Capitão da Polícia Militar da Bahia, como és bravo! Se oferecer para vasculhar os cômodos obscuros desta casa mal-assombrada.

Capitão – Mas...

Jucilmara – Sem temer os obstáculos do destino... Sem temer as armadilhas que podem que podem estar escondidas por detrás de cada porta...

Capitão – Mas...

Jucilmara – Podendo ser pego pelo fantasma da maldição...

Capitão – Mas Jucilmara Alice...

Jucilmara – Podendo acabar morto e enterrado, após ser torturado até suas tripas saírem pela boca. Como és valente! Disposto a entregar sua própria vida para salvar a sua esposa, e o seu amante, tudo em nome dos nossos sete filhos, Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si.

Capitão – Mas Jucilmara Alice eu...

Jucilmara – Não, não se despeça de mim! Não suportaria a idéia de perdê-lo para sempre por causa da fúria implacável de m fantasma gostoso...

Capitão – Gostoso?!

Jucilmara – Gostoso?! Maldoso, de um fantasma maldoso. Um espírito vil, diabólico, malvado, capaz de usar seus ossos para palitar os dentes após telo engolido inteiro. Vá meu bravo marido, encontre uma porta de saída e volte para me resgatar. Vá! Vá! Anda logo seu Capitão da Polícia Militar da Bahia, vai! Vai, vai!

Arlindoaldo – Jucilmara Alice

Jucilmara – Arlindoaldo Antônio

Arlindoaldo – Tens certeza de que seu marido não desconfias de nada?

Jucilmara – Sim, meu amado Arlindoaldo Antônio. Não percebeu a expressão que estava faceada em seu rosto? Sua coragem em procurar uma saída que retire de dentro do interior desta casa mal-assombrada a sua fiel esposa, libertando-a da covil armadilha preparada pelo fantasma, é aprova que precisávamos para saber que ele é um completo idiota. Tudo ocorre como o combinado.

Arlindoaldo – Certo então! As bombas atômicas nucleares já estão cuidadosamente alojadas dentro do interior deste antigo piano de calda clássica. Eu programei as teclas numa seqüência lógica de detonação. Assim que o seu marido se sentar nesta banco, e começar a tocar a quinta sinfonia de Bethoven, em sol maior, o dispositivo ativará o contador., isso logo após a seqüência de mínimas, no momento final da sinfonia. Isso nos deve dar aproximadamente 16 minutos e 47 segundos para fugirmos e entrarmos na BMW que deixei estacionada ao lado do cemitério que fica

no quintal desta casa mal-assombrada. Se formos a mais ou menos 112 Km e meio por hora, chegaremos em torno de 31 minutos e 54 segundos ao prédio onde pousei o helicóptero. O elevador deve nos levar à cobertura, no quinquagésimo sexto andar, em 1 minuto e 1 segundo. Decolaremos e vamos direto para o aeroporto, onde nossas passagens foram compradas com o cartão de crédito Atocha Visa, para o Rio de Janeiro. Lá, nós pegamos o iate e partimos rumo às ilhas Caimãs.

Jucilmara – Ilhas Caimãs?!

Arlindoaldo – Não se preocupe. Eu paguei o cruzeiro com cheque especial pré-datado. Assim ninguém suspeitará de nós dois, pois não restarão vestígios ou evidências de que nós matamos o Capitão da Polícia Militar da Bahia e lhe roubamos todos os bens financeiros, juntados em anos de corrupção.

Jucilmara – Oh, não!

Arlindoaldo – O que houve, Jucilmara Alice?

Jucilmara – Eu não sei senha secreta da conta bancária do meu futuro falecido marido. Como pegaremos o dinheiro?

Arlindoaldo – Você deve extrair esta informação dele, imediatamente. E isso deve ser feito logo, antes que ele morra com a explosão da bomba atômica nuclear que está dentro do interior deste raríssimo piano de calda.

Jucilmara – Ele está voltando. Rápido, se esconda!

Arlindoaldo – Confio em você, Jucilmara Alice, pois sei que és muito inteligente. Aliás, como fez aquela risada do fantasma da maldição da casa...

Capitão – Jucilmara Alice!

Jucilmara – Aqui estou eu, meu marido!

ARLINDOVALDO ANTÔNIO SE ESCONDE

Capitão – Jucilmara Alice, ainda bem que te encontrei.

Jucilmara – O que houve?

Capitão – Você não imagina como é horrível o interior dos cômodos de dentro desta casa mal-assombrada. A cozinha está com a dispensa cheia de

alimentos gordurosos, com alto teor calórico, e não há um frasquinho sequer de adoçante dietético. Sem falar na decoração! Imagine você, Jucilmara Alice, que um dos quartos tem as paredes pintadas de verde, e a cama está forrada com um edredom vermelho. Tudo bem, se os travesseiros não estivessem vestidos com fronhas azuis de bolinha laranja. E o guarda-roupas, o guarda-roupas, Jucilmara Alice. As roupas são de um mal-gosto deplorável. Tem calça boca-de-sino; camisas com lantejoulas; colares de bijuteria; nem uma grama de ouro ou uma pedrinha de brilhante

Jucilmara – Que horror! Você deve ter passado maus bocados dentro do interior dos aposentos desta casa mal-assombrada.

Capitão – Mas para uma coisa a minha perigosa aventura serviu: eu avistei, de longe, mas com quase convicta certeza, o seu gatinho, pobre e peludo, que você quer muito bem, e sem o qual você certamente entrará numa imensa depressão profunda.

Jucilmara – Oh, meu amado esposo capitão da polícia militar da Bahia, será que foi o meu pobre e peludo gatinho, a quem eu quero muito bem, e sem o qual eu certamente entrarei numa imensa depressão profunda, que você avistou com seus dois olhos do rosto?

Capitão – Creio que sim, Jucilmara Alice.

Jucilmara – Então precisamos encontra-lo com urgência urgentíssima, antes de algo de muito mal aconteça com ele.

Capitão – Antes, porém, acho que devemos encontrar logo uma porta de saída para fora do interior de dentro desta casa mal-assombrada, para podermos escapar ilesos, sãos e salvos, da maldição.

Jucilmara – Mas você não avistou nenhuma porta de saída?

Capitão – Infelizmente não, Jucilmara Alice. Parece que esta casa mal-assombrada nos aprisionou. Só existiam janelas por onde passei, mas nenhuma porta.

Jucilmara – Oh, será que seremos eternos reféns do fantasma da maldição da casa mal-assombrada?! Pense, meu marido, como a porta sumiu?

Capitão – Como porta sumiu?...

Jucilmara – Sim, o que estávamos fazendo quando a porta sumiu?

Capitão – Sim... O que estávamos fazendo quando a porta sumiu?...

Jucilmara – Onde estávamos, quando a porta sumiu?

Capitão – Onde estávamos, quando a porta sumiu?...

Jucilmara – Então?...

Capitão – Sim, é verdade!

Jucilmara – talvez...

Capitão – pode ser...

Jucilmara – será que?...

Capitão – É possível...

Jucilmara – Entretanto...

Capitão – Por outro lado...

Jucilmara – Isso...

Capitão – Mas...

Jucilmara – Creio que não...

Capitão – E se...

Jucilmara – é...

Capitão – Logo...

Jucilmara – Faz sentido...

Capitão – Contudo?...

Jucilmara – realmente...

Capitão – vale a pena tentar!

Jucilmara – é a nossa única esperança!

Capitão – Então, seja o que Deus quiser! (O CAPITÃO POE SEU CARTÃO NO CAIXA ELETRONICO)

OFF – RISOS

O CAPITÃO DESMAIA DE MEDO. ARLINDOVALDO SURGE.

Arlindovaldo – Bravo, Jucilmara Alice, você é fenomenal! A forma com você questionou os efeitos e causas temporais de algo que poderia passar de maneira despercebida pelos olhos de um leigo foi fantástica! Seu discurso sobre os motivos aparentes do desaparecimento da porta de saída, levantando o fato de eu ter utilizado o caixa eletrônico Atocha, momentos antes, foi fenomenal! Eu não teria pensado em coisa melhor. Você é 10!

Jucilmara – obrigada Arlindovaldo Antônio. Mas eu quase não consegui ver a senha secreta do meu marido. Por uma fração de quase 1/3 de segundo eu cheguei a cogitar a hipótese da possibilidade do meu marido ter desconfiado do nosso plano secreto maquiavelicamente armado para mata-lo e ficar com tudo o que lhe pertence. Mas a sua imitação de fantasma o fez desmaiar em a tempo.

Arlindovaldo – Mas, Jucilmara Alice, não fui eu quem estava imitando a risada do fantasma da maldição da casa mal-assombrada. Eu estava pensando que era você quem estava dando essas gargalhadas, para assustar o covarde do seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia.

Jucilmara – mas, se não fui eu, e nem foi você, então quem foi?

Fantasma – Fui eu, o fantasma da maldição da casa mal-assombrada (risos)

JUCILMARA ALICE E ARLINDOVALDO ANTÔNIO CORREM DE MEDO - SAEM DE CENA. O CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA ACORDA.

Capitão – O que houve? Onde estou? Quem sou eu? Oh, não! Eu ainda estou preso dentro do interior desta casa mal-assombrada! O que fazer? Quem poderá me ajudar? Não há nada que me tire da cabeça esta idéia fixa psicótica de que estou correndo serio perigo mortal aqui dentro. Mas onde estão Jucilmara Alice e Arlindovaldo Antônio? Será que eles encontraram uma porta de saída e saíram sem mim? Aqueles crápulas! Cretinos! Dissimulados! Eu bem que suspeitei que eles dois, juntos, tinham um caso amoroso secreto íntimo, e que na verdade Jucilmara Alice nunca me amou ao ponto de elaborar comigo uma armadilha

capaz de fazer o Arlindoaldo Antônio confessar todos os crimes que cometeu para que eu pudesse extorqui-lo e ficar com parte de seus bens materiais. Aqueles... feios! Oh, o que poderia melhorar meu estado de espírito, sozinho, solitário, dentro desta casa mal-assombrada? (PERCEBE O PIANO) ora, veja: um piano! Pena que eu não sei tocar nada! Se por um acaso do destino houvesse aqui uma partitura musical... achei! Vãos ver... (toca pagode – troca – forró – troca – axé...) mas esse fantasma tem um terrível gosto musical. Sabe o que mais? Vou simplesmente deslizar meu dedos por sobre as teclas deste piano clássico de cauda e ver o que sai. Afinal de contas, que mal isso pode fazer? (TOCA, “SEM QUERER”, A 5ª SINFONIA DE BETHOVEN)

OFF – *Óh, não! Por uma incrível coincidência no texto do roteiro do script escrito pelo autor desta peça, o capitão da polícia militar da Bahia acaba de tocar a 5ª sinfonia de Bethoven, ativando o dispositivo detonador da bomba atômica nuclear. E agora, o que acontecerá com nossos personagens, vividos por atores de teatro, nesta trágica obra teatral baiana? Será que eles sairão vivos desta peça? Afinal, o que deseja o fantasma? E a bomba atômica nuclear, será que foi comprada na mão de Sadan, Bin Ladem ou Bush? Ou será que ela faz parte do primeiro lote de artefatos vindos do Irã? E observem o canto esquerdo do palco, parece que alguém tenta se esconder na penumbra. Quem será? Não percam as próximas revelações que acontecerão no terceiro e penúltimo capítulo de “O segredo do caso secreto entre Arlindoaldo Antônio Cerqueira de Brito e Albuquerque e Jucilmara Alice Abrantes Freitas de Freitas”, logo após os anúncios comerciais de nossos patrocinadores e apoiadores.*

III

OFF - Após as inesperadas reviravoltas apresentadas neste palco na primeira parte desta traginovela teatral, eis que outras surpreendentes surpresas acontecem: não é que Arlindoaldo Antônio e Jucilmara Alice têm mesmo um caso amoroso secreto íntimo, e estão elaborando um plano ainda mais mirabolante e maquiavélico do que o que achávamos que era?! E não é que aparentemente parece que realmente existe um fantasma que assombra esta casa amaldiçoada?! E não é que eles realmente estão presos, sem nenhuma porta que os leve para fora do interior da casa mal-assombrada?! E não é que o capitão da polícia militar da Bahia sem querer tocou a 5ª sinfonia de Bethoveen, e agora a bomba atômica nuclear que esta escondida dentro do piano clássico de cauda, teve seu dispositivo detonador acionado?! E lembram-se da pessoa escondida no canto esquerdo do palco?... O que será que acontecerá na penúltima parte de “O segredo do caso secreto entre Arlindoaldo Antônio Cerqueira de Brito e Albuquerque e Jucilmara Alice Abrantes Freitas de Freitas”?

Surge a irmã gêmea de Jucilmara Alice dançando ao som da musica

Capitão – Quem é você?

Irmã – Eu?!

Capitão – Sim, você!

Irmã – O senhor está falando comigo?

Capitão – E com quem mais eu estaria falando? Com o fantasma da maldição da casa mal-assombrada, por acaso?

Irmã – Sei lá, vocês podem ser amigos e...

Capitão – Mocinha... não brinque comigo, eu sou o capitão da polícia militar da Bahia!

Irmã – Capitão da polícia militar da Bahia?!

Capitão – Sim, capitão da polícia militar da Bahia.

Irmã – Oh, por isso este porte atlético... viril...

Capitão – Você acha?

Irmã – Oh, com certeza!

Capitão – E o que mais?

Irmã – Mais?!

Capitão – Sim, vamos, fale o que você achou de mim!

Irmã – Ham... deixa-me ver... seus olhos são como duas estrelas na escuridão do céu estrelado...

Capitão – Sim, sim...

Irmã – Suas mãos, parecem duas mãos, assim... sabe...

Capitão – Sei, sei... continue, continue!

Irmã – É... é... seu abdome é tão, tão, ai, como posso dizer...

Capitão – Durinho?

Irmã – É...

Capitão – E minhas pernas, hein, fale delas!

Irmã – Ah, suas pernas... elas são, assim... bem...

Capitão – Bonitinhas, não é?

Irmã – É...

Capitão – E olhe só o muque! Sem falar nesta minha linda voz. Quer me ver cantar?

Irmã – Não se faz necessário...

Capitão – Ora, deixe disso, não vai ser esforço nenhum! (canta algo) O que achou?

Irmã – Como poderei dizer?...

Capitão – Fantástico, hein? E sem falar de... Ops, espere aí um segundo! Já entendi tudo! Você veio chegando como quem não quer nada, se

aproximou de mim, veio me enchendo de elogios, me implorou para que eu cantasse... tudo isso para tirar a minha atenção para o foco da pergunta principal, realizada pelo narrador: quem é você?

- Irmã – A faxineira!
- Capitão – A faxineira?!
- Irmã – Sim, não vê o espanador? Eu sou a faxineira da casa mal-assombrada.
- Capitão – Quer dizer que você é a faxineira?!
- Irmã – Sim...
- Capitão – A faxineira desta casa mal assombrada?!
- Irmã – Sim...
- Capitão – A mesma casa mal-assombrada que tem uma maldição?!
- Irmã – É...
- Capitão – É você me diz que isso é faxina?!!! Minha filha, olhe quanta poeira por sobre estes móveis. Por favor, aprenda a trabalhar direito! Isso lá é faxina que se preze?! Oras, pois... se eu fosse seu patrão você ia ver só uma coisa...
- Irmã – Com, licença, mas eu tenho que voltar ao serviço.
- Capitão – Vá, vá... e vê se toma mais cuidado com o que faz!
- Irmã – Tchauzinho! (SAI)

ENTRA JUCILMARA ALICE.

- Jucilmara – Capitão da polícia militar da Bahia...
- Capitão – Jucilmara Alice...
- Jucilmara – Oh, meu marido capitão da polícia militar da Bahia, será que nós encontraremos uma saída do interior desta casa mal-assombrada que tem uma maldição?

- Capitão – Certamente que sim, minha cara Jucilmara Alice. Tudo ocorre como o planejado: após termos feito Arlindoaldo Antônio pensar que nós estávamos com medo do fantasma da maldição desta casa mal-assombrada, você o levou para o quarto que possui duas prateleiras de livros de autoajuda para pessoas que estão necessitadas de consolo psicológico, afetivo e espiritual. Ele, provavelmente perceberá tais livros, e já que está em desespero para sair do interior desta casa mal-assombrada que tem uma maldição, certamente começará a lê-los. Mas eis que todo leitor acaba por molhar os dedos com a ponta da língua para melhor passar as paginas. Calculei uma ordem de aproximadamente quatro paginas por lambida, e pus veneno de rato na pagina 332, do sétimo livro da oitava prateleira do lado esquerdo da cama. Se meus cálculos estiverem corretos, ele deve estar lendo, agora mesmo, a pagina 331 deste livro, e em, aproximadamente 4 minutos e 53 segundo, ele deve experimentar o árduo gosto do veneno de rato. Provavelmente o veneno leve cerca de 14 minutos e 17 segundo para agir, infectando sua corrente sanguínea e levando-o ao óbito da morte.
- Jucilmara – Ah, meu idolatrado marido capitão da polícia militar da Bahia, como podes alguém ser tão genial?
- Capitão – Acho que puxei a mim mesmo na hora do nascimento.
- Jucilmara – Foi por isso que me apaixonei por você na primeira vez que te vi.
- Capitão – Você lembra como foi o nosso primeiro encontro?
- Jucilmara – Como poderia esquecer?...
- Capitão – Você estava tão sensual naquela situação...
- Jucilmara – E você, veio logo mostrando seu 38, cano longo, para mim...

PASSADO

CENA DO 1º ENCONTRO ENTRE JUCILMARA ALICE E O CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA

JUCILMARA ALICE ESTÁ EM UM SUPERMERCADO, E ROUBA ALGO, ESCONDENDO-O NA SAIA. O ALARME DISPARA.

Capitão – Parada aí, sua má feitora!

Jucilmara – Oh, seu guarda! O que há de errado?

Capitão – Não se faça de inocente, eu vi quando você escondeu o queijo provolone debaixo da sua saia.

Jucilmara – Eu?! Mas como pode pensar isso de mim?! Em momento algum passou pela minha cabeça a cogitação da hipótese da possibilidade de eu entrar em um supermercado, disfarçar, olhando para os lados, e esconder um queijo provolone roubado por sob minha saia.

Capitão – Mas como você é sínica, sua meliante, há tempos que eu vi que você escondeu um queijo provolone debaixo desta sua saia. Agora pare! Mãos na cabeça! Deixa-me ver aqui... hum.... ham... hein?!... ah... ih.... aqui está a prova do... não, não é isto. O queijo provolone deve estar aqui em algum lugar. Deixe-me ver novamente... aha... não, não é ele... deve ser isto... não... (o capitão da polícia militar da Bahia retira vários itens da saia de Jucilmara Alice, que de excita com a situação) achei, aqui está a prova do crime!

Jucilmara – Mas como isso foi parar aí?! Seu guarda, eu juro que isto não é meu. Eu nunca vi algo parecido com isso em toda a minha vida.

Capitão – Não adianta tentar negar, mocinha. As evidencias não negam. Eu encontrei o queijo provolone roubado, escondido atrás deste itens de supermercado, que você carregava consigo. Agora você está presa!

Jucilmara – Presa?!

Capitão – Sim, presa!

Jucilmara – Mas eu não posso ser presa!

Capitão – Como não?

- Jucilmara – É que hoje eu tenho que ir ao aniversário do cunhado do tio do irmão do primo de minha madrinha, que por coincidência também é afilhado do genro da nora do enteado do meu falecido esposo.
- Capitão – Sei...
- Jucilmara – E além do mais... eu estou com uma enorme dor de cabeça, provocada pela menstruação, que acabou de chegar. Imagine que as cólicas menstruais que sinto são tão intensas que desde pequenina eu sou obrigada a faltar aulas de educação física, provas, testes e apresentações de seminários... tudo por causa desta bendita indisposição feminina. Olhe, olhe como eu estou ficando nervosa... acho que vou desmaiar... (se joga nos braços do capitão da polícia militar da Bahia)
- Capitão – Meliante, meliante... acorde, meliante! Vamos, acorde!
- Jucilmara – Onde estou... como estou aqui? Como foi que eu cheguei aqui? E quem é você... você é tão forte, másculo, viril...
- Capitão – Você acha?
- Jucilmara – Oh, com certeza!
- Capitão – E o que mais?
- Jucilmara – Mais?!
- Capitão – Sim, vamos, fale o que você achou de mim!
- Jucilmara – Ham... deixa-me ver... seus olhos são como duas estrelas na escuridão do céu estrelado...
- Capitão – Sim, sim...
- Jucilmara – Suas mãos, parecem duas mãos, assim... sabe...
- Capitão – Sei, sei... continue, continue!
- Jucilmara – É... é... seu abdome é tão, tão, ai, como posso dizer...
- Capitão – Durinho?
- Jucilmara – É...
- Capitão – E minhas pernas, hein, fale delas!

Jucilmara – Ah, suas pernas... elas são, assim... bem...

Capitão – Bonitinhas, não é?

Jucilmara – É...

Capitão – E olhe só o muque! Sem falar nesta minha linda voz. Quer me ver cantar?

Jucilmara – Não se faz necessário...

Capitão – Ora, deixe disso, não vai ser esforço nenhum! (canta algo) O que achou?

Jucilmara – Como poderei dizer?...

Capitão – Fantástico, hein? E sem falar de... Ops! espere aí um segundo! Já entendi tudo! Você veio chegando como quem não quer nada, se aproximou de mim, veio me enchendo de elogios, me implorou para que eu cantasse... tudo isso para tirar a minha atenção para o foco da pergunta principal, realizada pelo narrador: quem é você?

Jucilmara – Meu nome é Jucilmara Alice Abrantes Freitosa de Freitas. Mas pode me chamar simplesmente de Jucilmara Alice. E o senhor, qual a sua graça?

Capitão – Você pode me chamar de capitão da polícia militar da Bahia.

Jucilmara – Oh, mas que nome lindo!

Capitão – Não chega nem aos pés do seu, minha adorada Jucilmara Alice.

Jucilmara – Não, o seu é mais másculo, capitão da polícia militar da Bahia.

Capitão – E o seu é tão feminino, Jucilmara Alice.

Jucilmara – Oh!

Capitão – Vamos sair para nos conhecermos melhor?

Jucilmara – Não sei se devo, afinal, eu nem o conheço direito.

Capitão – Se sairmos para nos conhecermos melhor, certamente você me conhecerá, e poderá aceitar sair comigo.

Jucilmara – Se é assim...

ELES SAEM. COMEÇA UMA MÍMICA:

- ELES ANDAM APAIXONADOS
- CONVERSAM
- BRINCAM
- MONTAM UM PIQUENIQUE
- COMEM
- ALIMENTAM UM AO OUTRO
- COMEÇA UMA GUERRA DE COMIDA
- ELES ROLAM
- ELA CORRE E ELE CORRE ATRÁS DELA
- ELA BRINCA COM PEQUENOS ANIMAIS (BORBOLETA, ETC)

Capitão – Jucilmara Alice, para de brincar com este rato!

PRESENTE

Jucilmara – Foi tão lindo!...

Capitão – Como pudemos o tempo nos fazer esquecer momentos tão bonitos que vivemos?

Jucilmara – Não sei...

Capitão – Jucilmara Alice...

Jucilmara – Capitão da polícia militar da Bahia...

SURGE ARLINDOVALDO ANTÔNIO, CAMBALEANDO.

Jucilmara – Arlindoaldo Antônio, o que houve?

Arlindoaldo – Não sei... (tosse) comecei a me sentir mal cerca de 4 minutos e 53 segundo, após ler a pagina 332, do sétimo livro da oitava prateleira do lado esquerdo da cama. É como se por acaso, eu tivesse tomado veneno de rato, e este estivesse envenenando minha corrente sanguínea... (cai)

Jucilmara – Arlindoaldo Antônio, não morra!

Arlindoaldo – Creio que seja tarde, Jucilmara Alice, tarde demais...

Jucilmara – Não, Arlindoaldo Antônio, você não pode morrer! O que será de mim! Lembre-se que eu o amo.

Arlindoaldo – Desculpe minha adorada Jucilmara Alice, mas todo em volta começa a ficar cinza...

Jucilmara – Não acredito que alguém tenha o envenenado... quem seria capaz de cometer uma barbaridade destas? Se ao menos você fosse um excêntrico milionário, que fez sua fortuna às custas de viúvas as quais você roubou tudo o que possuíam, após ter matado com um castiçal de prata, seus falecidos maridos... mas você não é rico... não é, Arlindoaldo Antônio? Você me contaria se fosse, não contaria?

Arlindoaldo – Jucilmara Alice, eu tenho uma revelação a fazer...

Jucilmara – Diga...

Arlindoaldo – Aproximem-se, os dois... rápido! antes que seja tarde demais...

Jucilmara – Fale, Arlindoaldo Antônio...

Arlindoaldo – Jucilmara Alice, você sabe que eu sempre a amei, não sabe?

Jucilmara – Sim, meu amado Arlindoaldo Antônio...

Arlindoaldo – Pois a revelação que tenho a fazer é muito importante...

Jucilmara – Fale Arlindoaldo Antônio...

Arlindoaldo – Eu preciso saber se você realmente me ama, Jucilmara Alice....

Jucilmara – Claro que eu o amo, Arlindoaldo Antônio...

Arlindoaldo – Isso é muito importante para mim....

Jucilmara – Sim, meu moribundo, Arlindoaldo Antônio....

Arlindoaldo – E que esta revelação pode mudar o rumo da historia...

Jucilmara – Então prossiga....

Arlindoaldo – A revelação tem que ser bem cuidada...

Capitão – Vamos, fale de uma vez seu infeliz (sacudindo-o agressivamente)

Jucilmara – Pare, não vê que o está matando antes que ele possa fazer a revelação?

Capitão – Desculpe!

Jucilmara – Continue, Arlindoaldo Antônio...

Arlindoaldo – Como eu ia dizendo... é uma revelação muitíssimo importante...

Jucilmara – Sim...

Arlindoaldo – A revelação é... é... esta aqui (tira um rolo de filme fotográfico) por favor, revelem na Minilab, pois só lá você pode ter a certeza da melhor qualidade de papel e impressão, além de poder também revelar suas fotos digitais.

O CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA SAI.

Arlindoaldo – Jucilmara Alice....

Jucilmara – Arlindoaldo Antônio...

Arlindoaldo – Jucilmara Alice...

Jucilmara – Arlindoaldo Antônio...

ELES CAEM ATRÁS DO SOFÁ, E COMEÇAM A ATIRAR AS ROUPAS. A FAXINEIRA ENTRA EM CENA E AS CATAS. ARLINDOVALDO ANTÔNIO E JUCILMARA ALICE INSINUAM UMA CENA DE SEXO ATRÁS DO SOFÁ. O CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA CRUZA A ENA, COMO SE ESTIVESSE OS PROCURANDO.

APÓS ALGUM TEMPO, JUCILMARA ALICE E ARLINDOVALDO ANTÔNIO SAEM
(ESTÃO VESTIDOS COM OS MESMOS TRAJES)

Arlindoaldo – Foi bom para você?

Jucilmara – Não tão bom quanto para você!

Arlindoaldo – É, eu sou bom mesmo.

ENTRA CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA.

Capitão – (APONTANDO A ARMA) acabou a brincadeira, Arlindoaldo Antônio!
Passe agora mesmo a senha da sua conta secreta na suíça, e as
passagens para as ilhas Caimãs.

Arlindoaldo – Mas como você sabe das ilhas Caimãs?!... só se... Jucilmara Alice! Sua
ordinária! Eu suspeitei desde o principio que você não valia nada. Não
pense que me enganaram, nem por um instante. Eu suspeitei desde o
principio que vocês dois estavam juntos nessa. Achei suspeito Jucilmara
Alice me deixar sozinho num quarto repleto de livros de autoajuda para
pessoas que estão necessitadas de consolo psicológico, afetivo e
espiritual. Ela, sabia que eu perceberia tais livros, e já que estou em
desespero para sair do interior desta casa mal-assombrada que tem
uma maldição, o mais obvio seria eu começar a lê-los. Mas eis que todo
bom plano maquiavélico tem uma falha. Como todo bom leitor eu estava
a molhar os dedos com a ponta da língua para melhor passar as
paginas, quando, na página 331, do sétimo livro da oitava prateleira do
lado esquerdo da cama percebi uma garrafa repleta de veneno de rato.
Foi quando parei de ler o livro e resolvi forjar os sintomas de uma
pessoa que teve sua corrente sanguínea infectada.

Jucilmara – Mas a sua genialidade não o irá salvar agora, Arlindoaldo Antônio.
(aponta para ele uma arma)

Arlindoaldo – Pois eu não solto (aponta para eles uma arma)

Entra a irmã

Irmã – (EMPUNHANDO UM CASTIÇAL DE OURO) Pois soltem os três a arma

OS TRÊS SOLTAM SUAS ARMAS.

OFF – *Oh, parece que a faxineira da casa mal-assombrada tem um papel importante nesta trama. Quem será ela de fato? Será uma dessas personagens que aparecem ao final das tramas para dar uma reviravolta na história? Será ela uma daquelas personagens que passou todo o momento esquecida, fazendo ponta, e no último capítulo surge como a responsável de todos os eventos que aconteceram até então? Ou será que ela simplesmente está fazendo o seu papel de faxineira? Não saiam da poltrona, pois logo após os comunicados importantes de nossos apoiadores, vocês saberão como termina “O segredo do caso secreto entre Arlindoaldo Antônio Cerqueira de Brito e Albuquerque e Jucilmara Alice Abrantes Freitas de Freitas”.*

IV

OFF – *Voltamos com as emoções finais de “O segredo do caso secreto entre Arlindoaldo Antônio Cerqueira de Brito e Albuquerque e Jucilmara Alice Abrantes Freitas de Freitas”.*

Tudo parecia obvio: Jucilmara Alice era casada com o capitão da polícia militar da Bahia que tinha um caso amoroso secreto intimo com Arlindoaldo Antônio, que também tinha um caso com Jucilmara Alice, que na verdade tinha um caso secreto amoroso intimo com o seu marido, o capitão da polícia militar da Bahia. Mas, no antepenúltimo capítulo desta tragicomédia teatral, a faxineira se apresenta como uma personagem que não estava ali cruzando de vez em quando a cena apenas para dar volume e movimento. Na verdade verdadeira ela tem um papel importantíssimo nesta obra, um papel tão secreto, que até então, nem este mero locutor sabe qual é. Quem de fato será a faxineira? Será ela a responsável pela maldição da casa mal assombrada? Será ela a proprietária do imóvel maldiçoado? Será ela a oitava filha do casal Jucilmara Alice e capitão da polícia militar da Bahia? Ou será que ela que esta personagem realmente sé está ocupando tempo, pois acabou a criatividade do autor da peça? Uma obra que começou com um simples encontro secreto no parque próximo a esta casa mal-assombrada, em pleno sábado de carnaval. Uma trama de tentativas de assassinato, vingança, mentiras e ambição. Uma casa que...

Todos – Na moral, da para você calar essa boca?... é, eu já não agüento mais tanta narração... uma enrolação atrás da outra... as vezes tenho a impressão de que o narrador tem mais texto do que nós atores...

Fantasma – E eu, que até agora só dei risadas? Quando é que começo realmente a participar da historia? Afinal de contas, esta casa só é mal-assombrada por minha causa.

Arlindoaldo – Afinal de contas quem é você? (para a faxineira)

Capitão – Ela é apenas a faxineira da casa mal-assombrada

Jucilmara – Faxineira?

Capitão – Sim, não vê o espanador na mão dela?

Arlindoaldo – A faxineira desta casa mal assombrada?!

Jucilmara – A mesma casa mal-assombrada que tem uma maldição?!

Arlindoaldo – E você me diz que isso é faxina?!!! Minha filha, olhe quanta poeira por sobre estes móveis.

Jucilmara – Por favor, aprenda a trabalhar direito! Isso lá é faxina que se preze?! Oras, pois... se eu fosse sua patroa você ia ver só uma coisa...

Irmã – Com, licença, mas eu tenho que voltar ao texto. Na verdade eu não sou a faxineira da casa mal-assombrada...

Todos – Oh!...

Irmã – Na verdade eu sou..... a irmã gêmea de Jucilmara Alice!

Todos – Oh!...

Jucilmara – Mas eu não sabia que eu tinha uma irmã gêmea!

Irmã – Claro que não, Jucilmara Alice! Nós duas fomos separadas enquanto crianças. Na verdade, nós somos fruto de uma experiência genética. Somos filhas de 5 pais e 13 mães, que tiveram seus espermatozóides e óvulos unidos numa experiência de clonagem composta. De 99 embriões, apenas nós duas sobrevivemos, mas enquanto você teve todas as oportunidades da vida, conseguiu encontrar um bom marido capitão da polícia militar da Bahia e um amante que guarda seu dinheiro, extorquido de suas ex-amantes, em um paraíso fiscal, eu nunca tive nada. Eu fui criada pelo fantasma desta casa mal-assombrada, que me deu abrigo após eu quase ter morrido de raiva, doença que contraí de um pobre gatinho lindo e peludo, que apareceu pelas redondezas desta casa mal-assombrada. Eu já estava quase falecida, quando ouvi as risadas assustadoras, que mais parecia o vento que soprava para o sul, mas que mais tarde eu percebi que eram as risadas de um fantasma, o dono desta casa mal-assombrada que tem uma maldição. Ele era um

maestro, um primoroso maestro, enquanto era vivo, e antes de se mudar para cá, morou nos subterrâneos de um teatro de ópera, em Paris, devido à sua feiúra. Mas, depois de morto, os fantasmas não tem rosto, e, com a convivência, vi o quanto ele era bom. Ele me deu comida, bebida, abrigo, me ensinou a tocar piano e a cantar ópera. Nós passamos lindos momentos juntos, dentro do interior desta casa mal-assombrada, até que vocês resolveram aparecer. Você era todo o passado que eu queria esquecer. E, de repente, ressurgiu assim, do nada, como quem não quer nada, como quem não tem nada a perder. Neste instante todas as minhas lembranças de infância voltaram à tona: todas as humilhações que eu passei, todas as noites de lamentação. Você não tinha o direito de destruir minha felicidade novamente. Então, eu e o fantasma da maldição da casa mal-assombrada, elaboramos um mirabolante e maquiavélico planos de vingança, um plano que fosse mortal o suficiente para matar todos vocês e roubarmos todo o recurso financeiro que possuíam, para, por fim, podermos viver abertamente este nosso caso amoroso secreto íntimo, pelo resto de minha vida e da morte dele, no paraíso fiscal das ilhas Caimãs. E agora, sem mais delongas, eu irei mata-los. Mas antes, me digam suas senhas bancárias.

Jucilmara – Nunca!!!

Irmã – O que?!

Jucilmara – Nunca iremos dizer a você nossas senhas bancárias!

Irmã – Como ousa me desafiar?

Jucilmara – Eu não tenho medo de você! Você não passa de uma mera irmã gêmea.

Irmã – Mera irmã gêmea?!

Jucilmara – Uma falha num teste de clonagem composta. Um descuido da ciência.

Capitão – Jucilmara Alice, o que você está fazendo?

Jucilmara – Eu vou distraí-la para ganharmos tempo. Enquanto eu a provoço, o capitão da polícia militar da Bahia vai até o caixa automático do Atocha e transfere todo o seu recurso financeiro para as contas fantasmas dos nossos sete filhos. Enquanto isso, você, Arlindoaldo Antônio, vai por

trás dela e recupera seu castiçal de ouro. Então eu vou faço com que ela caminhe três passos para a esquerda, dois passos para a direita e cinco passos na diagonal convexa do quadrante linear da mediatriz sistêmica do vetor nulo desta sala. Aí, dou um soco de mão direita no nariz dela, que deve provocar uma hemorragia, forçando-a a se inclinar num ângulo aproximado de 43 graus e meio. Aí, você, Arlindoaldo Antônio, a acerta com seu castiçal de ouro na altura da frente. A pancada provavelmente provocará um coágulo cerebral, seguido de uma hemorragia interna, provocada pelo traumatismo craniano, o que o fará morrer em aproximadamente 2 minutos e 9 segundos após o impacto. Isso deixará o fantasma triste, e ele se esquecerá de nós, e fará com que a porta ressurgja do nada. Isto nos deve dar aproximadamente 16 minutos e 47 segundos para fugirmos e entrarmos na BMW que está estacionada ao lado do cemitério que fica no quintal desta casa mal-assombrada. Se formos a mais ou menos 112 Km e meio por hora, chegaremos em torno de 31 minutos e 54 segundo ao prédio onde está pousado o helicóptero. O elevador deve nos levar à cobertura, no quinquagésimo sexto andar, em 1 minuto e 1 segundo. Decolaremos e vamos direto para o aeroporto, onde nossas passagens foram compradas com o cartão de crédito Atocha Visa, para o Rio de Janeiro, compramos uma terceira passagem, e de lá pegamos o iate e partimos, os três, rumo às ilhas Caimãs.

Capitão – Brilhante plano, Jucilmara Alice!

Arlindoaldo – Desta vez você se superou. Vamos, ao ataque!

Irmã – É você que é uma irmã gêmea ordinária.

Jucilmara – Não, é você!

ARLINDOVALDO ANTÔNIO E CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA FAZEM O COMBINADO. MAS QUANDO O CAPITÃO CHEGA AO CAIXA ELETRÔNICO, O FANTASMA O COBRE COM UM COBERTOR. E “CHUTA” O CASTIÇAL DE OURO PARA FORA DA CENA.

Irmã – Quando você era pequena, você fazia xixi na cama.

Jucilmara – E você deve fazer até hoje.

Irmã – Você tem cara de irmã gêmea.

Jucilmara – E você, que mais parece um clone de irmã gêmea.

Irmã – Sua... sua.... (começa uma briga corpo-a-corpo com Jucilmara Alice)

Capitão – Eu vou te ajudar, Jucilmara Alice. (bate em Jucilmara Alice)

Jucilmara – Essa sou eu, Jucilmara Alice, capitão da polícia militar da Bahia.

Capitão – Desculpe.

Arlindoaldo – Eu acerto agora (morde a perna da irmã)

Irmã – Ai, eu é que sou a verdadeira Jucilmara Alice.

Capitão – Elas são idênticas!

Arlindoaldo – É, com esses cabelos.... como saberemos quem é quem?

Capitão – Acho que teremos que apelar para a prova das perguntas.

Arlindoaldo – Acho que é a única maneira.

Capitão – Parem! Já sabemos como saber quem é quem! Vamos fazer algumas perguntas e ver quem acerta mais. Aquela que responder corretamente o maior número de perguntas, no menor intervalo de tempo, será declarada a verdadeira Jucilmara Alice.

Arlindoaldo – Preparadas?

POSICIONAM-SE

Arlindoaldo – A primeira pergunta vai para você! (Jucilmara Alice): bem, dia 14 de abril, de 1972, às 11h, 37 minutos e 45 segundos, o que você estava fazendo?

Alternativa A: assaltando uma caixa forte

Alternativa B: seqüestrando o embaixador dos estados unidos

Alternativa C: roendo as unhas dos pés

Jucilmara – Esta é muito simples. Eu me lembro como se fosse hoje que estava com a unha do pé direito encravada, logo não poderia estar assaltando uma caixa forte ou seqüestrando o embaixador dos Estados Unidos. Eu estava em casa, tentando desencravar a unha. Logo a resposta correta é a alternativa C, roendo a unha do pé.

Arlindoaldo – A resposta está.... correta!

Capitão – Agora esta vai para você, mocinha (irmã gêmea):

Em março de 1987, eu fiz uma delicada cirurgia, que mudou de vez a minha rotina. Que cirurgia foi essa?

Irmã – Simples! quem não lembra? Foi uma cirurgia com o Especialista doutor em casos quase perdidos, Juciliano Aguiar franco, no consultório situado às margens do rio Paraguaçu. Uma delicada cirurgia de aumento de membro nervoso.

Capitão – Certa a resposta.

Arlindoaldo – Sua vez (Jucilmara Alice): quando fazemos sexo, do que mais gosto?

Jucilmara – Ora, que eu enfie o dedo médio no seu...

Arlindoaldo – Isso... isso... certa a resposta!

Capitão – Esta é a hora do tudo ou nada. A pergunta decisiva. Ela tem que acertar para não perder. Vejamos... hum... é.... difícil... lá vai! Pronta? (Irmã)

Irmã – Sim...

Capitão – Então preste atentamente bastante atenção: qual o resultado da soma dos dois menores números primos inteiros existentes?

Irmã – ... 4.

Capitão – A resposta esta... correta!

Arlindoaldo – Mas espere um segundo! Jucilmara Alice jamais saberia a resposta para uma conta de adição de dois números maiores que 1. logo, você é a irmã gêmea de Jucilmara Alice.

Irmã – Droga! Vocês descobriram tudo. (corre)

Jucilmara – Peguem-na.

RISOS DO FANTASMA. TODOS CORREM. JUCILMARA ALICE, CAPITÃO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA E ARLINDOVALDO ANTÔNIO, RETORNAM À CENA.

Arlindoaldo – Enquanto este fantasma existir, jamais sairemos do interior desta casa mal assombrada que tem uma maldição. Temos que fazer algo.

Capitão – Temos que matar o fantasma!

Jucilmara – Mas como fazer isso?

Capitão – Destruindo seu ectoplasma.

Arlindoaldo – E isso é possível?

Capitão – Claro. Basta termos alguns materiais e poderemos construir um canhão de jato puseotrônico, de polaridade minagâmica oscilar. Este jato deve destruir a membrana ectoplasmática que reveste o espírito do fantasma e o mantém aqui no plano terreno.

Jucilmara – E quais são estes materiais?

Capitão – Para nossa sorte eu sempre carrego comigo meu caderninho de engenhocas úteis para toda situação. (ABRE O CADERNO) aqui está! Vejam! Vamos nos separar e procurar as peças para a arma.

ELES SAEM DE CENA, E VOLTAM COM AS PEÇAS. VÃO PARA TRÁS DO SOFÁ E CONSTROEM A ARMA. (ESTILO A DOS CAÇA-FANTASMAS)

Capitão – Agora só falta o plutônio aditivado. Acho que vi um pedaço na cozinha. Vou buscar. Esperem-me aqui. (sai)

Jucilmara – Será que o plano do meu marido, o capitão da polícia militar da Bahia, dará certo, Arlindoaldo Antônio?

Arlindoaldo – Espero que sim!

Irmã – (SURGE) Que plano?

Arlindoaldo – Nunca lhe contaremos o que estamos construindo!

Capitão – Aqui está o plutônio para um canhão de jato puseotronico, de polaridade minagamica oscilar para destruir a membrana ectoplasmática que reveste o espírito do fantasma e o mantém aqui, no plano terreno.

Irmã – Então vocês querem destruir o fantasma? Só se for por cima do meu cadáver.

Jucilmara – Vamos, passe para cá o plutônio!

ELES JOGAM O PLUTÔNIO, UM PARA O OUTRO, ENQUANTO A IRMÃ GÊMEA OS SEGUE. ATÉ QUE CONSEGUEM COLOCA-LO NA ARMA.

Arlindoaldo – Agora podemos acabar com o fantasma da maldição da casa mal-assombrada.

Fantasma – Nunca conseguirão me pegar!

Jucilmara – Ele está ali, atira nele!

ARLINDOVALDO ANTÔNIO DISPARA.

Fantasma – (RISOS) Errou!

Arlindoaldo – Ali! (dispara)

Fantasma – (RISOS) Errou de novo!

Capitão – Ali está ele!

Arlindoaldo Antônio dispara.

Fantasma – (RISOS)

O FANTASMA INCORPORA NOS PERSONAGENS, E FICA A TROCAR DE CORPO. QUANDO ELE ESTÁ INCORPORADO EM JUCILMARA ALICE, ARLINDOVALDO ANTÔNIO DISPARA E A ACERTA.

Jucilmara – Fui atingida!

Arlindovaldo – Jucilmara Alice, não morra!

Jucilmara – Arlindovaldo Antônio, é você?

Arlindovaldo – Sim, minha amada Jucilmara Alice.

Jucilmara – Meu marido, capitão da polícia militar da Bahia, você está aí?

Capitão – Sim, minha querida Jucilmara Alice.

Jucilmara – Irmã gêmea, você está aí?

Irmã – Sim, Jucilmara Alice.

Jucilmara – Fantasma, você está aí?

Fantasma – Sim, Jucilmara Alice.

Jucilmara – Contrarregra, você está aí?

Contrarregra – Sim, Jucilmara Alice.

Jucilmara – Iluminador, você está aí?

Iluminador – Sim, Jucilmara Alice.

Jucilmara – Diretor, você está aí?

Diretor – Sim, Jucilmara Alice.

Jucilmara – Público, vocês estão aí?

Público – Sim, Jucilmara Alice.

Jucilmara – E quem está tomando conta do teatro? (morre)

Arlindovaldo – (CÂMERA LENTA) Não!

ARLINDOVALDO ANTÔNIO APONTA A ARMA PARA O FANTASMA E DISPARA. A IRMÃ GÊMEA SE JOGA NA FRENTE DO RAIOS, É ATINGIDA, E MORRE.

Capitão – Arlindoaldo Antônio, você está bem?

Arlindoaldo – Sim, capitão da polícia militar da Bahia!

Capitão – Arlindoaldo Antônio!

Arlindoaldo – Capitão da polícia militar da Bahia!

Capitão – Bate, rebate, finge que bate, congela!

Arlindoaldo – Bate, rebate, finge que bate, congela!

Capitão – Tudo certo! Tudo conforme nossos planos.

Arlindoaldo – Nos livramos das duas mocréias e do fantasma.

Capitão – Agora podemos viver abertamente nosso caso amoroso secreto íntimo.

Arlindoaldo – Toda a fortuna que juntamos nestes anos que corrupção.

Capitão – Arlindoaldo Antônio!

Arlindoaldo – Capitão da polícia militar da Bahia!

BEIJAM-SE.

OFF – *E assim se desfaz “O segredo do caso secreto entre Arlindoaldo Antônio Cerqueira de Brito e Albuquerque e Jucilmara Alice Abrantes Freitas de Freitas”. Jucilmara Alice, o fantasma da maldição da casa mal assombrada e a irmã gêmea de Jucilmara Alice, passaram a eternidade felizes para sempre. Já Arlindoaldo Antônio e o capitão da polícia militar da Bahia, estão, ainda, dentro do interior da casa mal-assombrada que tem uma maldição procurando uma porta que os leve para fora daquele interior. Mas, espere aí!.. E a bomba atômica nuclear que havia sido ativada após a seqüência de mínimas, na 5ª sinfonia de Bethoveen??*

EXPLOSÃO.